

# O SETOR INDUSTRIAL DA REGIÃO SUL DO BRASIL E O MERCOSUL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO QUOCIENTE LOCACIONAL<sup>1</sup>

RUBIANE DANIELE CARDOSO<sup>2</sup>

JANDIR FERRERA DE LIMA<sup>3</sup>

MIRIAN BEATRIZ SCHNEIDER BRAUN<sup>4</sup>

## Resumo

O escopo deste trabalho está na abordagem das transformações geradas pelo MERCOSUL na indústria da Região Sul do Brasil no período de 1999 a 2007. Para tanto, utilizou-se um instrumental específico de análise regional com a intenção de verificar o perfil da localização dos ramos de atividades urbanas nos países do MERCOSUL, tendo como variável a ocupação da mão de obra por ramo de atividade urbana, exceto a agropecuária. O MERCOSUL faz parte do atual cenário econômico mundial e é marcado por correntes complementares de multilateralização das relações comerciais e de regionalização econômica. Nota-se, através deste estudo, que o perfil da Região Sul está passando por modificações, desprendendo-se aos poucos da agricultura para investir na indústria e, que as relações comerciais da Região Sul com o MERCOSUL são relevantes para este desenvolvimento.

**Palavras chave:** Comércio internacional, indústria, integração regional.

## Abstract

The scope of this work is the approach of the changes generated by the industry in MERCOSUL southern Brazil of period 1999 to 2007. For this, a specific instrument of regional analysis with the

intention was used to verify the profile of the localization of the branches of urban activities in the countries of the MERCOSUR, being had as variable the occupation of the man power for branch of urban activity, except the agriculture. The MERCOSUR is part of the current global economic scenario and is marked by additional flows from multilateral trade relations and economic regionalization. It is through this study that the profile of the South is undergoing changes, loosing to the few to invest in the agriculture industry, and that trade relations of the South with MERCOSUR are relevant to this development.

**Key words:** International trade, industry, regional integration.

**JEL:** F15, J21

## 1 Introdução

Este artigo tem o objetivo de analisar a importância do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) para indústria da Região Sul do Brasil, de forma a ressaltar a necessidade da existência de um mercado na América Latina que seja comum de fato. Por se buscar um contexto atual, o período abarcado foi de 1999 a 2007.

Segundo Caetano et al. (2003), o fenômeno da globalização, a aceleração dos processos de abertura comercial nas décadas de 1980 e 1990, e o sucesso na formação de blocos regionais de comércio, tendo como exemplo de destaque a União Europeia, têm criado um novo e estimulante ambiente para diferentes estudos relacionados à integração econômica.

Desde a criação da Comunidade Econômica Europeia foram formados vários blocos econômicos em

<sup>1</sup> O artigo integra a discussão da disciplina Análise Regional, administrada pelo Prof. Dr. Jandir Jandir Ferrera de Lima (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio - UNIOESTE).

<sup>2</sup> Economista pela Universidade Estadual Oeste do Paraná -UNIOESTE/*Campus*. Mestranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio - Universidade Estadual Oeste do Paraná -UNIOESTE/*Campus* -[rubicardoso@yahoo.com.br](mailto:rubicardoso@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Canadá. Professor adjunto do Colegiado de Economia e professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da UNIOESTE/*Campus*. Ph.D. em Desenvolvimento Regional pela Université Du Québec à Chicoutime (UQAC) - Toledo - [jandir@unioeste.br](mailto:jandir@unioeste.br)

<sup>4</sup> Professora adjunta do Colegiado de Economia e professora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da UNIOESTE/*Campus* - Toledo. Doutora em História Econômica pela Universidade de Leon - Espanha. Pós-doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP)-SP - [mirian-braun@hotmail.com](mailto:mirian-braun@hotmail.com)

diversas partes do mundo, como é o caso do MERCOSUL, originado a partir do Tratado de Assunção de 1991, que tem como integrantes precursores a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Os demais países que são membros ou sócios recentes do Bloco não serão abordados nesta pesquisa em função do período abarcado.

O MERCOSUL tem sido uma das experiências de integração, envolvendo países em desenvolvimento, que despertaram maior interesse entre analistas e profissionais do campo das relações internacionais. A dimensão econômica e a importância regional de alguns de seus países membros, o rápido crescimento dos fluxos intra-regionais de comércio e de investimento e o progresso alcançado na eliminação de tarifas, isso tudo frente às disparidades, tanto regionais como econômicas - não encontraram precedentes (MOSSINGER e CAVALLHEIRO, 2005).

Após um começo promissor (1992-1996), o MERCOSUL foi posto a prova pelos desafios típicos do aprofundamento da experiência de integração, isto é, a remoção de barreiras comerciais, a harmonização e a supervisão de políticas domésticas e a criação de mecanismos capazes de garantir uma política comercial sólida entre os membros (BOUZAS, 2001).

Neste contexto, abordando a Região Sul do Brasil, o Estado do Paraná vem apresentando uma nova fase de crescimento econômico, que tem como base à dinâmica do complexo automotivo, a modernização do agronegócio, o avanço quantitativo e qualitativo da infraestrutura, bem como a inovação científica e tecnológica nas indústrias. Por isso, torna-se importante realizar uma análise do impacto gerado pelo MERCOSUL na indústria paranaense, especificamente na esfera que tange a produção e comercialização (NOJIMA, 2002).

O Estado do Rio Grande do Sul, que está localizado no centro do MERCOSUL, é o melhor corredor entre os Oceanos Atlântico e Pacífi-

co, com os rios que cortam seu interior - os rios Uruguai, Ibicuí, Jacuí e Guaíba - e a Lagoa dos Patos. O Estado possui uma das estruturas industriais mais diversificadas e consolidadas do Brasil, tendo se tornando uma Região competitiva no MERCOSUL desde meados da década de 1990.

Quanto à indústria catarinense, ela se apresenta em crescimento, sendo que o estado apresenta contínuos aumentos em termos de participação no PIB nacional, registrando aumentos na produção, vendas, emprego e obtendo *superávit* em sua balança comercial. Assegurar este crescimento é o maior desafio daqui para frente, por isso uma análise no âmbito do MERCOSUL é relevante.

De acordo com Albuquerque (1995), os impactos da consolidação do MERCOSUL nas diversas economias regionais podem ser bastante diferenciados. Neste sentido, torna-se importante realizar uma análise desse impacto na indústria da Região Sul do Brasil, especificamente na esfera que tange a comercialização no período de 1999 a 2007.

No que se refere ao instrumental utilizado, o cálculo foi proposto por Haddad et al. (1989) e é conhecido como Quociente Locacional (QL). Este quociente é útil para obter o conhecimento dos padrões da localização da Região, identificando a posição dos ramos de atividades da Região Sul do Brasil que são mais significativos em relação aos do MERCOSUL (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) e Estados brasileiros da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

O artigo será dividido em cinco partes, com exceção desta introdução: a primeira se refere a metodologia utilizada no estudo. A segunda faz uma breve abordagem sobre o processo de integração econômica. A terceira parte analisa a intercâmbio comercial entre a Região Sul e o MERCOSUL. A localização da indústria da Região Sul no MERCOSUL é o que se aborda na quarta parte. As conclusões sumarizam o estudo.

## 2 Aspectos Metodológicos

Para analisar o impacto do MERCOSUL sobre o setor industrial da Região Sul do Brasil, no período de 1999 a 2007, foram considerados alguns fatores como o intercâmbio comercial, a participação das principais empresas nas exportações para o Cone Sul e consequentemente a importância do Bloco para as exportações da Região.

Complementando a análise, foi abordado o panorama das perspectivas da Região frente a integração econômica. Para tanto, utilizou-se um instrumental específico de análise regional com a intenção de verificar o perfil da localização dos ramos de atividades urbanas nos países do MERCOSUL, tendo como variável a ocupação da mão de obra por ramo de atividade urbana, exceto a agropecuária.

Este instrumental proposto por Haddad et al. (1989) é conhecido como Quociente Locacional (QL), e é útil para obter o conhecimento dos padrões da localização da Região, identificando a posição dos ramos de atividades da Região Sul do Brasil que são mais significativos em relação aos do MERCOSUL (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) e Estados brasileiros da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Ele é expresso pela seguinte equação:

$$QL_{ij} = \frac{(V_{ij}/V_i)}{(V_j/V)} \quad (01)$$

Em que:

$V_{ij}$  = População ocupada por ramo de atividade do MERCOSUL;

$V_i$  = População ocupada total por ramo de atividade da Região Sul (i);

$V_j$  = População ocupada total por ramo de atividade do MERCOSUL (j);

$V$  = População ocupada em todos os ramos de industriais de todas as Regiões.

A importância da Região no referido contexto, em relação ao ramo de atividade urbana abordado, se ve-

rifica quando o valor de  $QL_{ij}$  assume valores maiores que a unidade. Então, quanto mais alto o valor, maior a importância do ramo ou Região em relação ao MERCOSUL. E quanto menor o valor, mais irrelevante a Região ou o ramo de atividade em relação ao MERCOSUL. Além disso, como o QL utiliza valores relativos, ele elimina o "efeito tamanho" dos países do bloco.

Os principais dados para o cálculo do QL foram coletados no banco de dados *on-line* da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), na Organização Internacional do Trabalho (OIT), no Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC) e no Instituto Nacional de Estadística - Uruguay (INE). Os setores foram dispostos da seguinte forma: indústria de transformação, construção civil, comércio e serviços. A construção civil e o comércio foram desmembrados dos setores secundário e terciário, respectivamente, isso devido a importância que os mesmos podem assumir, visto que são grandes empregadores de mão de obra de baixa qualificação. O que por si só indica a tendência a absorção de pessoas de baixa renda em atividades urbanas.

### 3 Breve abordagem sobre integração econômica

Conforme Seitenfus e Boni (1990), a integração é um dos movimentos dinâmicos mais antigos possivelmente, que o homem utilizou para diminuir suas fraquezas, seus temores e suas dependências e, por isso, durante muito tempo, o termo vem sendo empregado como uma união de minorias sociais. Este processo é definido como uma ação para diminuir barreiras entre nações e povos; aprimorar o desenvolvimento científico, tecnológico, social e cultural através da cooperação e capacitação em setores específicos, com a obtenção de melhores resultados e diminuição de custos.

Na perspectiva teórica liberal da integração baseada nas vantagens

comparativas da economia de mercado, a eliminação das barreiras comerciais nacionais seria concretizada na integração internacional com o intuito de aperfeiçoar e maximizar o comércio e os benefícios sociais: o comércio ideal dentro da integração econômica, numa busca para conquista de melhores produtos e pelo menor preço em benefício do bem estar geral das populações, dos membros integrados (MENEZES, 1990).

De acordo com Accurso (1990), sem que se entendam as razões das integrações econômicas das nações, não se saberá porque de seu sucesso ou insucesso. Por isto, a abordagem teórica depende das variáveis centrais e da ênfase dispensada a cada uma destas. Os fatos econômicos deixaram de ser vistos como decorrência de leis que os regem, para passarem ao plano das reações dos agentes.

O MERCOSUL é na atualidade uma união aduaneira, em que existe o livre comércio e há uma tarifa externa comum para mercadorias provenientes de países não membros. No entanto, é uma união aduaneira imperfeita. De acordo com Melo (1999) existe uma série de exceções para livre circulação de determinados produtos, muita tarifa aduaneira ainda está em fase de redução e na tarifa externa comum há uma enorme lista de exceções. Após uma década, ainda se pode considerar tal afirmação.

Ao contrário da União Européia, o Bloco ainda não tem órgão supranacional dotado de autonomia, que delibere procedimentos decisórios simples sem a necessidade constante da intervenção dos governos. Se realmente existe a pretensão de formar um mercado comum, há questões delicadas de terão que ser enfrentadas e que envolvem a soberania dos países membros. Basicamente, são as discussões sobre adotar ou não um caráter de supranacionalidade para órgãos comuns, ou seja, a criação de um tribunal supranacional (MELO, 1999).

Segundo Caetano et al. (2003), um dos elementos essenciais à formação

do mercado comum é a coordenação políticas cambiais. O assunto já vem sendo tratado desde 1991, mas os progressos são mínimos. A gestão coordenada dessa política entre os países participantes visa garantir a paridade do poder de compra das moedas, para que não se produzam variações significativas nos níveis de competitividade das economias envolvidas. As autuações nas paridades cambiais alteram permanentemente as condições de concorrência dentro do MERCOSUL e prejudicam as correntes de comércio, e as decisões de investimentos com vistas ao mercado comum.

Durante a fase inicial os países membros assumiram três grandes compromissos: implementar o programa de liberalização comercial, adotar uma TEC (Tarifa Externa Comum) e coordenar políticas macroeconômicas e setoriais. Em 1995, o MERCOSUL já havia alcançado um significativo grau de liberalização das barreiras tarifárias e acordado sobre a TEC. O mesmo não aconteceu no campo da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, para a qual nenhum mecanismo havia sido definido (ALMEIDA, 1998).

Apesar dos problemas econômicos enfrentados e do pessimismo em relação ao futuro, o MERCOSUL é uma realidade, e esforços devem ser feitos para sua evolução em direção a um concreto mercado comum de bens e fatores. A coordenação e harmonização das políticas econômicas no âmbito do MERCOSUL são fundamentais para a sua consolidação, sendo essencial para um futuro processo de integração efetivo.

### 4 Intercâmbio comercial Região Sul do Brasil x MERCOSUL

Do ponto de vista comercial, a proposta do MERCOSUL trouxe uma rápida transformação no comércio entre os países membros, com forte crescimento das trocas entre eles, durante a década de 1990.

Este cenário passa a ser modificado a partir dos últimos anos da década de 1990, quando as crises econômicas acirram os conflitos comerciais, principalmente entre Brasil e Argentina, que concentram a maior parte dos fluxos comerciais do MERCOSUL.

**Paraná x MERCOSUL** - Desde a efetiva implantação do MERCOSUL em março de 1991, o Paraná, ampliou suas exportações em 245% até 1996, porém com certa estabilidade enquanto outras Unidades da Federação obtiveram fatias maiores desse mercado (JESUS e FERREIRA DE LIMA, 2001). Em termos de valor, de 1999 a 2007 o Estado do Paraná ampliou em 269% suas exportações para o MERCOSUL.

O Estado do Paraná, sendo um dos estados que faz fronteira com dois dos países do MERCOSUL, desempenha um papel de grande importância nesse acordo. Por isso, os impactos do MERCOSUL no Paraná podem ser bastante diferenciados. Os produtos agropecuários têm o maior impacto, por se constituir um fator de bastante vulnerabilidade comercial (custo de produção, clima, tecnologia, etc.). No setor industrial, a melhoria da qualidade e modernização da tecnologia depende das empresas, os encargos sociais e a carga tributária bastante altos são os maiores problemas para se competir internacionalmente (IPARDES, 2000).

No que se refere a década de 1990, as indústrias paranaenses vivenciaram um cenário de significativas alterações. Conforme Piffer (2002), estas mudanças foram: em 1991 a implantação do MERCOSUL, com ênfase ao mercado Argentino (que importa produtos manufaturados, café e carne de aves). No ano de 1992 a 1994, o Estado tem a maior safra de grãos e ocorre a ampliação do polo metal-mecânico. O ano de 1995 é marcado por uma queda nos produtos agrícolas e industriais devido a variações cambiais e alta nos preços dos insumos importados. Já em 1996 a 1998 ocorre a recuperação da economia.

**Tabela 1 - Exportações e Importações - Paraná x MERCOSUL, 1999 - 2007**

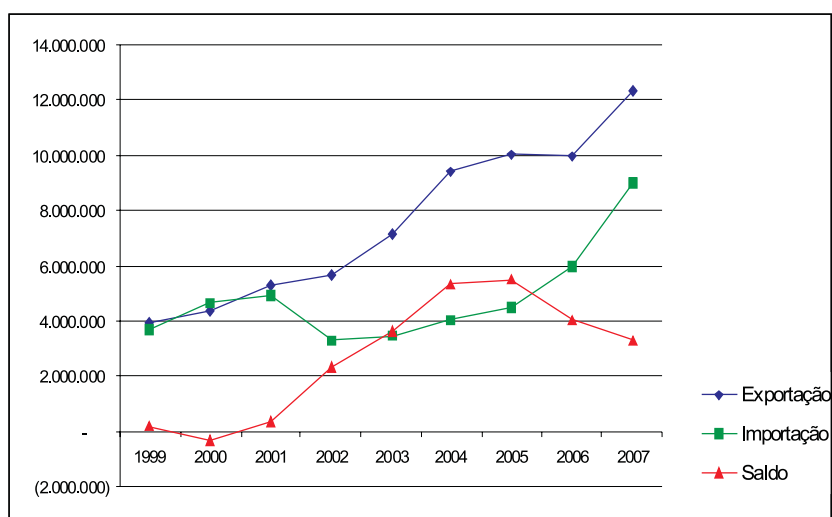
	Exportações	Part. %	Importações	Part. %
1999	445.444.406	11,33	835.521.254	22,59
2000	622.093.459	14,16	1.054.969.011	22,52
2001	522.097.464	9,82	816.674.471	16,57
2002	262.403.874	4,60	582.573.043	17,47
2003	500.481.991	7,00	564.036.328	16,18
2004	830.011.051	8,83	442.944.648	11,00
2005	946.408.327	9,44	561.366.680	12,40
2006	1.263.287.620	12,61	756.177.326	12,65
2007	1.645.340.023	13,32	1.189.258.955	13,19

Fonte: MIDIC/SECEX (2009)

Num contexto geral, com esta nova fatia de mercado, as exportações tornaram-se mais relevantes, com uma participação de 11,33% em 1999 e 13,3% em 2007 (Tabela 1). Vale ressaltar que a Argentina torna-se o parceiro de maior peso no bloco, absorvendo cerca de 7,2% do total das exportações paranaenses e, incluindo nesta conjuntura uma parcela significativa de bens industrializados.

Analisando a tabela 1, percebe-se um período de declínio das exportações paranaenses para o MERCOSUL entre 2001 e 2002, com menor participação neste último ano, 4,6%. O mesmo declínio se verifica nas importações do Bloco, que se pode atribuir aos reflexos da crise da Argentina no país, e conseqüentemente, no Estado.

Porém, ainda que os *déficits* comerciais não tiveram uma trajetória explosiva, sua permanência implicou o aumento contínuo dos *déficits* em conta corrente e a manutenção do endividamento externo pelo qual o país passava, que impuseram algumas restrições ao crescimento estadual.



**Gráfico 1 - Balança Comercial - Paraná, 1999 - 2007**

Fonte: MIDIC/SECEX (2009)

Quando se analisa a Balança Comercial paranaense, considerando todos os produtos transacionados no mercado externo, observa-se que o saldo foi positivo até meados de 1997, tornando-se negativo até 2001, recuperando-se no ano seguinte, permanece positivo até o último ano da análise (Gráfico 1). Vale destacar que, a partir de 1999 houve uma retração do intercâmbio entre o Paraná e o MERCOSUL, como resultado do agravamento da crise argentina e da redução das importações decorrente da depreciação da moeda brasileira.

Após esse período de recessão, observa-se a evolução do comércio exterior paranaense. Em 2007 as exportações foram de US\$ 12,35 bilhões, contra US\$ 10,00 bilhões no mesmo período do ano anterior, resultando em crescimento de 23,4%. Os principais produtos exportados pelo Paraná foram soja em grãos (8,5%), farelo de soja (7,7%), milho (5,5%), automóveis (5,5%), frangos em partes (4,9%), frangos inteiros (4,1%) óleo de soja (3,9%), e açúcar de cana (3,1%) (SEIM, 2009).

**Santa Catarina x MERCOSUL** - O incremento obtido nas exportações catarinenses em 2007 foi o terceiro melhor desempenho entre os dez maiores estados exportadores brasileiros, com a primeira posição para o Rio Grande do Sul (27,25%), seguido do Rio de Janeiro (24,65%). Em 2007, Santa Catarina contribuiu com 4,6% do total exportado pelo Brasil, ficando o Estado na oitava posição entre os maiores exportadores brasileiros. Entre os principais destinos das exportações do Estado em 2007 estão os EUA, em primeiro lugar e a Argentina em segundo (MDIC, 2009).

Neste sentido, apresenta-se na Tabela 2 o comércio entre Santa Catarina e MERCOSUL. Nela nota-se que, em termos de valor as transações comerciais do Estado para o MERCOSUL aumentaram, mas declinou a participação do Bloco nas transações comerciais totais do Estado. No que se refere as exportações, em 1999 eram 14,6%, em 2007 caíram para cerca 10%. As importações em 1999 eram 24%, em 2007 caíram para 19%.

**Tabela 2 - Exportações e Importações - Santa Catarina x MERCOSUL, 1999 - 2007**

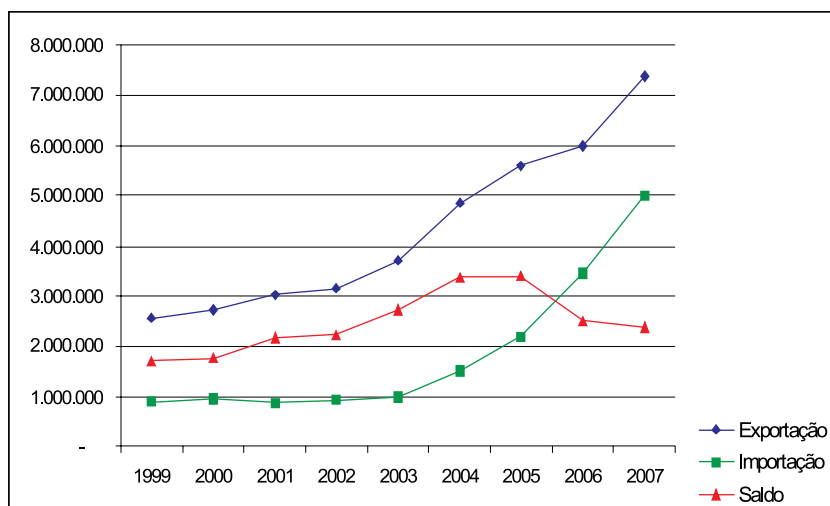
	Exportações	Part. %	Importações	Part. %
1999	375.840.484	14,64	212.014.708	24,06
2000	417.102.332	15,38	264.930.377	27,69
2001	365.986.520	12,09	212.496.218	24,7
2002	157.386.313	4,99	317.217.598	34,05
2003	257.355.154	6,96	404.954.605	40,75
2004	365.889.285	7,52	477.159.779	31,62
2005	432.580.869	7,75	662.161.147	30,28
2006	556.392.300	9,33	833.767.426	24,01
2007	738.564.858	10,01	960.715.716	19,21

Fonte: MIDIC/SECEX (2009)

Percebe-se ainda um acentuado declínio das exportações catarinenses para o MERCOSUL em 2002 – a menor participação no período, 4,9%. Isso pode ser atribuído a crise argentina, pois, como visto anteriormente, o país é um grande parceiro comercial do Estado.

Em contexto geral, ao se analisar a Balança Comercial do Estado (Gráfico 2), percebe-se que o momento de crise (2002) foi superado e o comércio internacional está em evolução. Vale destacar a forte recuperação da Argentina, com crescimento da produção de 8,5% em 2006. As exportações do país somaram US\$ 46,5 bilhões (aumento de 15% em relação a 2005) e as importações foram de US\$ 34,1 bilhões.

Em 2006, o Estado comercializou com países do Bloco US\$ 556,4 milhões, 28,6% a mais que no ano anterior. Em comparação, as exportações brasileiras para esses países aumentaram 18,9%. Um dos produtos que impulsionaram esse aumento no Estado foi a carne suína. Os negócios com Paraguai, Argentina e Uruguai aumentaram de US\$ 8,8 milhões em 2005 para US\$ 32,5 milhões no ano passado, 269% a mais.



**Gráfico 2 - Balança Comercial - Santa Catarina, 1999 - 2007**

Fonte: MIDIC/SECEX (2009)

“As importações provenientes do MERCOSUL também reduziram cerca de 17%, não só devido à desvalorização do real frente ao dólar como também pelas dificuldades da Argentina ...”

Conforme Diniz (1995), o Estado se beneficiou de sua dupla base industrial. De um lado, a indústria frigorífica do oeste, especializada em aves e suínos, potenciada com o crescimento do mercado interno e das exportações. De outro, a tradicional Região de Blumenau-Joinville, com produção diversificada de têxteis, instrumentos musicais, motores, fundidos e, mais recentemente, bens eletrônicos, passou a ter crescimento significativo. A expansão industrial desse estado sustenta-se principalmente no empresariado local, sendo, talvez, o Estado brasileiro com maior número de indústrias de capitais nacionais e regionais voltadas para o mercado nacional e internacional.

**Rio Grande do Sul x MERCOSUL** - Situado entre as duas principais regiões produtoras do novo espaço econômico — São Paulo e Buenos Aires — e tendo fronteiras com Uruguai e Argentina, o Rio Grande do Sul tem uma posição estratégica no MERCOSUL. A realidade do Bloco representa novas perspectivas e novos desafios para a economia do Rio Grande do Sul. A proximidade geográfica e a semelhança de sua estrutura produtiva com os demais parceiros comerciais abrem maiores possibilidades de intercâmbio comercial (GUALDA et. al., 1999).

Tabela 3 - Exportações e Importações - Rio Grande do Sul x MERCOSUL, 1999 - 2007

	Exportações	Part. %	Importações	Part. %
1999	874.025.516	17,48	1.147.405.720	35,06
2000	996.993.233	17,25	1.470.075.282	36,56
2001	837.169.074	13,19	1.215.783.988	30,01
2002	405.139.168	6,35	997.350.972	28,25
2003	827.291.677	10,32	1.240.380.862	29,61
2004	1.202.388.523	12,17	1.440.042.552	27,22
2005	1.457.980.977	13,95	1.783.083.434	26,64
2006	1.653.307.431	14,01	2.437.751.134	30,67
2007	2.254.237.807	15,01	3.267.699.211	32,13

Fonte: MIDIC/SECEX (2009)

Segundo um Estudo de Kume e Piani (1998), o Estado do Rio Grande do Sul está entre os mais favorecidos com o acesso ao mercado dos parceiros do MERCOSUL, com magnitudes acima da média. É o que se verifica na Tabela 3 – o Rio Grande do Sul é o Estado cujo Bloco Econômico tem a maior participação nas transações comerciais, isso no âmbito da Região Sul, 17% em 1999 e 15% em 2007.

Em 2002, a queda das exportações gaúchas para o MERCOSUL foi de 52%, isso devido à ao período de recessão de grandes parceiros comerciais - Argentina, Uruguai e Paraguai. Os principais produtos exportados para o Bloco pelo Estado no período foram: polietileno, adubos e fertilizantes, erva-mate, colheitadeiras, benzeno, carnes de suíno, tratores e suas partes e acessórios, produtos manufaturados do fumo e inseticidas. As importações provenientes do MERCOSUL também reduziram cerca de 17%, não só devido à desvalorização do real frente ao dólar como também pelas dificuldades da Argentina para produzir e exportar.

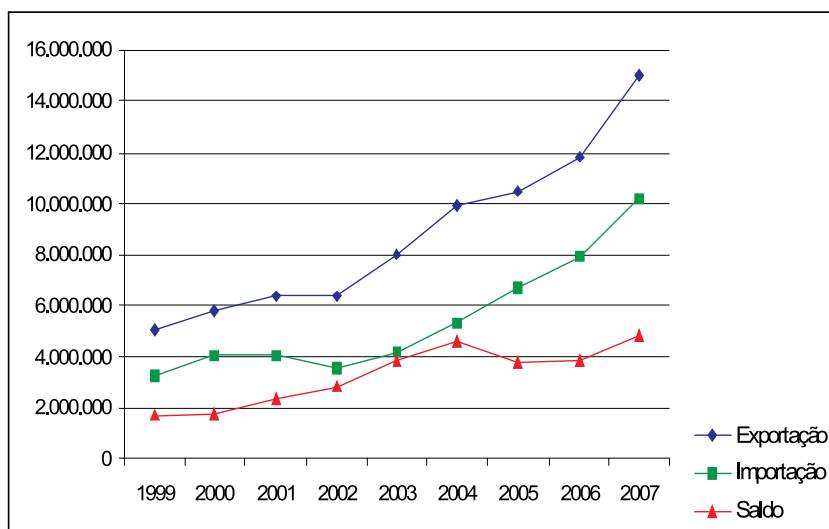


Gráfico 3 – Balança Comercial – Rio Grande do Sul, 1999 - 2007

Fonte: MIDIC/SECEX (2009)

**“ Os processos de integração produtiva e de articulação funcional entre as regiões ou centros urbanos conformaram a existência de dois movimentos: – as funções desempenhadas pelos centros se ampliaram e diversificaram... ”**

A balança comercial do Rio Grande do Sul apresentou algumas oscilações durante a década de 1990, decorrentes dos planos econômicos que afetaram a relação de competitividade, principalmente no período de câmbio sobrevalorizado, somada ao próprio processo de abertura da economia acelerado a partir do início da década. Contudo, a partir do momento de recessão (até 2002) percebe-se a evolução do comércio externo do Estado (Gráfico 3).

Importante ressaltar que, nas últimas décadas a industrialização do Estado foi marcada por um distanciamento das atividades processadoras de produtos primários, para equiparar-se à dinâmica nacional. Aproveitou o movimento de desconcentração da indústria paulista para expandir-se, incorporando novos segmentos e obtendo uma maior diversificação de seu parque industrial (GUALDA, BASTOS e RIBEIRO, 1999).

**A indústria da Região Sul do Brasil no MERCOSUL** - Como é de amplo conhecimento, o processo histórico do desenvolvimento econômico brasileiro levou a uma forte concentração geográfica da produção em poucos estados e regiões e, consequentemente, da renda. A partir da

década de 1970 o cenário muda, com a expansão das atividades econômicas para as várias Regiões do País (CANO, 1977).

Os processos de integração produtiva e de articulação funcional entre as regiões ou centros urbanos conformaram a existência de dois movimentos: - as funções desempenhadas pelos centros se ampliaram e diversificaram, tornando-se mais complexas suas atividades; - aumentaram as demandas por articulação e integração (IPEA, 2000).

Isto posto, o processo de integração tem aberto oportunidades de investimentos cruzados e associações entre os países e seus investidores. Em geral, as novas empresas se localizavam nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, reforçando o crescimento industrial e a integração produtiva internacional.

Conforme o Fórum Industrial Sul (2007), atualmente a Região possui cerca de 168.487 mil indústrias de transformação (29% das unidades industriais do País) e a segunda maior participação no saldo comercial do País, cerca de 22%. E em termos absolutos, a Região foi a segunda maior geradora de empregos em 2006, dos quais 23% foram gerados pela Indústria. Segundo dados de 2005, a indústria emprega cerca de 27% da mão de obra da Região.

Segundo dados do IBGE (2009), a Região participa com cerca de 16% do PIB do Brasil, sendo que o Paraná participa com 5,8%, Santa Catarina com 3,9% e o Rio Grande do Sul com 6,6%. No tocante ao Valor Adicionado das atividades, a indústria e o setor de serviços são os que mais contribuem nos três Estados. A indústria do Paraná gerou mais de 20 milhões de reais em 2006, a do Rio Grande do Sul cerca de 22 milhões e a de Santa Catarina gerou mais de 16 milhões. O setor de serviços contribuiu com 44 milhões de reais no Paraná, no Rio Grande do Sul com 50 milhões e em Santa Catarina com cerca de 28 milhões de reais (IPEA, 2009).

Comparando o setor industrial dos três Estados, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul conseguiram desenvolver polos industriais expressivos – como têxteis, confecções, calçados e o segmento metal-mecânico, sem mencionar os seguimentos agroalimentares, que são tradicionais tanto na Região quanto no País. Quanto ao Paraná, o Estado vem obtendo dinamicidade no setor de comércio e serviços e também no setor automobilístico (DINIZ, 1995).

Abordando agora o comércio da Região Sul com o MERCOSUL, escopo deste artigo, entre os dez principais produtos exportados pelo Paraná ao Bloco, seis são do setor automotivo e agroindustrial e correspondem a 29% do total. Já os principais produtos importados pelo Estado foram automóveis, caixas de marchas, trigo, feijão, malte não torrado e azeitona (PORTAL DO AGRONEGÓCIO, 2009).

O Estado de Santa Catarina tem a carne suína, os refrigerantes, congelados e papel cartão como alguns dos principais produtos exportados para o MERCOSUL. Quanto aos produtos importados pelo Estado, os principais são: trigo, polietileno, frascos plásticos, malte, cevada, etc. (MDIC/SECEX, 2009).

**“ A indústria do Paraná gerou mais de 20 milhões de reais em 2006, a do Rio Grande do Sul cerca de 22 milhões e a de Santa Catarina gerou mais de 16 milhões. O setor de serviços contribuiu com 44 milhões de reais no Paraná, no Rio Grande do Sul com ... ”**

Quanto ao Rio Grande do Sul, os principais produtos exportados para o Bloco pelo Estado são: polietileno, adubos e fertilizantes, erva-mate, colheitadeiras, benzeno, carnes de suíno, tratores e suas partes e acessórios, etc. Já entre os principais produtos provenientes do MERCOSUL são: combustíveis, trigo, gás natural, couro bovino, pneus, etc.

Em síntese, na conjuntura econômica recente predominam as importações brasileiras de produtos primários, têxteis e produtos de couro, e a exportação de bens industrializados, inclusive insumos básicos. Neste sentido, a expansão do comércio com os países do MERCOSUL beneficiaria a expansão das exportações de bens industriais, com efeitos positivos sobre os estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, dadas as vantagens no comércio de bens metal-mecânico (máquinas e equipamentos), material de transporte e produtos metalúrgicos (DINIZ, 1995).

Partindo do suposto de que os quatro países formadores do MERCOSUL ampliassem seus vínculos comerciais e de investimento, e considerada a posição geográfica dos três Estados, que se bem explorada pode trazer muitos benefícios, tudo indica que esta integração teria um efeito regional diferenciado, e certamente positivo.

## 5 O perfil da localização

A partir da análise do Quociente Locacional (QL) pode-se ter noção do papel de alguns setores selecionados nos países do MERCOSUL, e principalmente nos Estados da Região Sul do Brasil, utilizando-se para o cálculo dados de mão de obra ocupada pelos ramos de atividade abordados.

Na Tabela 4 apresenta-se a população ocupada segundo o ramo de atividade. Percebe-se que o setor de serviços é o que mais absorve mão de obra urbana em todos os Países e Estados analisados. E o que menos absorveu no período foi a construção civil.

**Tabela 4 – População ocupada segundo ramos de atividade urbana nos países do MERCOSUL na Região Sul do Brasil – 2007**

Ramos de Atividade	Brasil	Argentina	Paraguai	Uruguai	PR	SC	RS
Ind. de Transformação	7.632.278	1.245.544	319.300	210.529	614.408	593.736	683.769
Construção Civil	1.617.989	638.566	154.900	103.782	76.802	63.005	80.976
Comércio	6.840.915	1.911.381	639.500	309.863	488.158	322.586	460.695
Serviços	20.134.178	6.078.556	784.100	477.397	1.107.936	675.609	1.125.182
Total	36.225.360	9.874.047	1.897.800	1.101.571	2.287.304	1.654.936	2.350.622

Fonte: RAIS (2007), OIT (2009), INDEC (2009), INE (2009)

Comparando os dados dos ramos de atividade dos países (Tabela 4), se observa que no Brasil, depois do ramo de serviços, o maior índice de pessoal ocupada está na indústria de transformação, seguido do ramo de Comércio. Já na Argentina o ramo de comércio tem maior índice que a indústria de transformação. No Paraguai se destacam os ramos de serviços e comércio, respectivamente, e o Uruguai segue esta mesma tendência.

**Tabela 5 - Distribuição percentual da mão de obra ocupada nos ramos de atividades urbana nas Regiões – 2007**

Ramos de Atividade	Brasil	Argentina	Paraguai	Uruguai	PR	SC	RS	REG. SUL
Ind. de Transformação	21,07%	12,61%	16,82%	19,11%	26,86%	35,88%	29,09%	30,06%
Construção Civil	4,47%	6,47%	8,16%	9,42%	3,36%	3,81%	3,44%	3,51%
Comércio	18,88%	19,36%	33,70%	28,13%	21,34%	19,49%	19,60%	20,20%
Serviços	55,58%	61,56%	41,32%	43,34%	48,44%	40,82%	47,87%	46,22%

Fonte: Dados da Pesquisa

Na Tabela 5 se tem uma ideia de como a mão de obra está distribuída nas Regiões nos diferentes ramos de atividades. Nota-se que o setor de serviços é o que mais emprega em todas as Regiões, mantendo uma média de 48%. Dos países, Paraguai e Uruguai são os que mais se afastam desta média, 41% e 43% respectivamente. Fato interessante que o Brasil possui o menor índice no ramo da construção civil (4,47%). Os dados refletem outra particularidade, qual seja: a urbanização. O fortalecimento do setor terciário demonstra o quanto os países do bloco fortaleceram suas atividades urbanas, em especial o Paraguai, cuja atividade comercial com o Brasil é um dos principais pilares da sua economia e da ocupação da mão de obra.

Incorporando os Estados brasileiros a análise, percebe-se que Santa Catarina é o que mais concentra empregos na indústria de transformação e o que mais se afasta da média do setor de serviços (48%).

Já a Tabela 6 apresenta a distribuição percentual entre as Regiões - mostra como está a distribuição total da mão de obra, por exemplo, serviços e comércio, nesta ou naquela Região.

**Tabela 6 - Distribuição percentual da mão de obra ocupada nos ramos de atividades urbanas entre os Países do MERCOSUL e Regiões do Brasil – 2007**

Ramos de Atividade	Brasil	Argentina	Paraguai	Uruguai	PR	SC	RS	REG. SUL
Ind. de Transformação	81,13%	13,24%	3,39%	2,24%	6,53%	6,31%	7,27%	20,11%
Construção Civil	64,33%	25,39%	6,16%	4,13%	3,05%	2,50%	3,22%	8,78%
Comércio	70,51%	19,70%	6,59%	3,19%	5,03%	3,33%	4,75%	13,11%
Serviços	73,28%	22,12%	2,85%	1,74%	4,03%	2,46%	4,10%	10,59%

Fonte: Dados da Pesquisa



“ No tocante a Argentina, a concentração de mão de obra está no setor da construção civil principalmente, isto devido a estrutura industrial e os interesses do setor serem fragmentados. A União Industrial Argentina (UIA) não chegou a atuar ... ”

Analisando os índices, verifica-se um maior desempenho de todos os ramos no Brasil, ou seja, há uma concentração do total da força de trabalho de todas as atividades no País. Isto em vista do menor número de mão de obra em todos os ramos de atividades urbanas e em todos os outros Países membros e Estados da Região Sul. O caso seria diferente se abordado o Estado de São Paulo na análise, pois, embora tenha ocorrido o processo de migração das atividades produtivas para outras Regiões do Brasil, o Estado concentra ainda a maior parte das atividades de indústria, comércio e serviços do País.

No tocante a Argentina, a concentração de mão de obra está no setor da construção civil principalmente, isto devido a estrutura industrial e os interesses do setor serem fragmentados. A União Industrial Argentina (UIA) não chegou a atuar como coordenação inter-empresarial nem funcionou como polo aglutinador e agente de interlocução dos industriais com o Estado (VAZ, 2002).

Em um âmbito comparativo, foram apresentados os perfis locacionais (QL) do início do período – 1999, e do fim do período – 2007 da análise na Tabela 7.

**Tabela 7 – Perfil Locacional (QL) da mão de obra nos ramos de atividades urbanas nos países do MERCOSUL e nas Regiões do Brasil – 1999/2007**

Ramos de Atividade	Brasil		Argentina		Paraguai		Uruguai		PR		SC		RS	
	1999	2007	1999	2007	1999	2007	1999	2007	1999	2007	1999	2007	1999	2007
Ind. de Transf.	1,05	1,10	0,86	0,66	0,89	0,88	0,83	1,00	1,18	1,40	1,87	1,87	1,45	1,52
Construção Civil	0,74	0,87	1,66	1,26	2,00	1,59	1,48	1,84	0,70	0,66	0,60	0,74	0,65	0,67
Comércio	0,89	0,96	1,26	0,98	1,65	1,71	1,12	1,42	0,99	1,08	0,89	0,99	0,94	0,99
Serviços	1,05	0,99	0,89	1,10	0,71	0,74	0,97	0,77	0,97	0,87	0,77	0,73	0,90	0,86

Fonte: Dados da Pesquisa

Observando o QL de 1999 (Tabela 7), tem-se que no Brasil as atividades mais importantes eram a indústria de transformação e os serviços, ou seja, estes ramos estavam altamente adensados e são os “motores” da ocupação da mão de obra. Se de um lado as atividades terciárias são significativas na estrutura da economia, o único país que vem homogeneizando a distribuição setorial da mão de obra ocupada é o Uruguai, porém continua sendo um “tomador” de serviços no bloco. Já o Brasil, consolidou seu parque industrial no período, fortaleceu a participação da construção civil e das atividades terciárias. Ou seja, o Brasil fortaleceu cada vez seu continuum urbano-industrial, enquanto a Argentina vem dependendo cada vez mais das atividades comerciais, assim como o Paraguai e Uruguai. Tanto que na Argentina, os ramos de destaque para o mercado internacional eram a construção civil e o comércio. O Paraguai segue a mesma tendência da Argentina, com destaque ainda maior para o ramo da construção civil (2,0). No Uruguai também se destacavam os ramos da construção civil e de comércio, e ainda o ramo de serviços.

Quanto aos Estados brasileiro, os três apresentavam altos Quocientes na indústria de transformação. No que se refere aos outros ramos, o Paraná e o Rio Grande do Sul se destacavam em comércio, sendo que o Paraná se destacava também em serviços, os outros ramos são não-básicos, ou seja, atendiam mais ao mercado interno.

Comparando agora os dois períodos (1999/2007), percebe-se um aumento do QL no ramo da indústria de transformação no Brasil, no Uruguai, mostrando maior dinamismo do ramo. No Brasil, cresceram também os ramos da construção civil e de comércio. Já na Argentina, estes mesmos setores tiveram o QL reduzido, mas o QL do setor de serviços teve relevante aumento, se tornando destaque no País. O Paraguai teve um pequeno aumento do QL nos ramos de comércio e serviços. O Uruguai teve aumento do QL nos ramos de construção civil e comércio.

No tocante aos Estados, no Paraná houve o aumento da mão de obra nos ramos de indústria de transformação e comércio, e redução nos demais ramos. Já Santa Catarina teve maior dinamismo nos ramos de construção civil e comércio. E o Rio Grande do Sul só apresentou redução do QL no ramo de serviços.

Em um contexto geral, percebe-se que no Brasil e nos Estados da Região Sul se destaca como significativo e motor da economia no quesito de ocupação relativa da mão de obra o ramo da indústria de transformação, o que não acontece expressivamente nos demais países do MERCOSUL. Já na Argentina, Paraguai e Uruguai se destacam de forma expressiva as atividades do ramo da construção civil, o que não ocorre no Brasil. Conforme Ferrera de Lima, Piacenti e Alves (2008), a construção civil tem um padrão de localização significativo nas áreas de fronteira agrícola, ou seja, Regiões

em que as infraestruturas de produção, transformação e comercialização ainda estão se consolidando – pode-se dizer então que Paraguai, Uruguai e Argentina enquadraram-se neste perfil, assim como o Brasil também se enquadra, mas em uma intensidade menor.

Vale destacar que, nos Estados da Região Sul os setores mais significativos foram os da indústria e comércio. É interessante salientar que o setor industrial destes Estados, nos anos de 1999 e 2007, apresentou o maior valor do QL setorial em relação aos países do MERCOSUL. A explicação para este destaque se encontra na expansão agroindustrial e a expansão da indústria automobilística a partir da década de 1990.

Conforme Pinheiro, Parré e Lopes (2006), somente o Estado do Paraná acolheu, entre 1994 e 1999, seis montadoras de automóveis e atraiu com elas um grande número de empresas do setor de auto-peças e serviços. Deve-se salientar que a Região conta com um parque industrial diversificado, alguns setores de destaque são: petroquímico, têxtil, frigoríficos, construção, alimentos, metalurgia, entre outros.

Importante mencionar que não ocorreram disparidades muito expressivas no que se refere a todas as Regiões estudadas, o que indica que todos os ramos, são importantes dentro da economia de cada País e Estado brasileiro da Região Sul.

Em suma, após a análise dos dados, confirma-se a importância do MERCOSUL para o setor industrial da Região Sul. É nítida a evolução das relações comerciais com o Bloco (com destaque o mercado argentino, e crescimento do mercado uruguaio), embora existam períodos de declínio, típicos do mundo globalizado. Mas é importante salientar que, a Região Sul pode potencializar as vantagens de sua localização face ao MERCOSUL, bem como redefinir e explorar melhor sua inserção no Bloco.

O Estado do Rio Grande do Sul é o que tem maior volume de comércio

com o Bloco (da Região Sul), e possui também um relevante QL na indústria de transformação, o que indica que o comércio com o MERCOSUL estimula o desenvolvimento industrial no Estado. Fato que também contribui para que se chegue a essa conclusão é que, grande parte dos produtos exportados para o MERCOSUL é industrializada, enquanto que vários produtos importados do Bloco são matérias-primas e produtos agrícolas, o que mostra que a indústria da Região Sul do Brasil tem grande potencialidade frente ao MERCOSUL.

As vantagens de se participar do MERCOSUL são claras para todas as economias envolvidas. A integração econômica traz consigo a dinamização econômica, a consolidação do processo de liberalização comercial, atração de investimentos e o reconhecimento internacional, com a ampliação e intensificação do relacionamento da Região com o resto do mundo.

## 6 Conclusão

O objetivo desse artigo foi analisar, em um âmbito comparativo (intercâmbio comercial e dados do Quociente Locacional (QL)), a importância dos países do MERCOSUL para os Estados da Região Sul do Brasil, especificamente no setor industrial, no período de 1999 a 2007.

Pela análise, nota-se que o perfil dos países do MERCOSUL e dos Estados da Região Sul do Brasil passaram e vem passando por transformações na sua estrutura produtiva que se reflete na ocupação setorial da mão de obra na sua economia. Percebe-se o aumento contínuo de produtos industrializados na exportação da Região, desprendendo-se aos poucos do perfil agro-exportador. Em contrapartida, têm-se na pauta de importação vários produtos agrícolas. E o MERCOSUL tem destaque neste processo, incrementando o desenvolvimento industrial da Região através de suas importações.

Deve-se destacar a relação Rio Grande do Sul x MERCOSUL, que

tem o maior volume de comércio dentre as relações estudadas. Pode-se atribuir este fator a localização geográfica, ou seja, a proximidade do Estado dos países membros do Bloco – com destaque às transações com o mercado argentino e o crescimento da participação do mercado uruguaio.

Um fator relevante é que o Rio Grande do Sul possui um alto QL no setor da indústria de transformação, que teve considerável aumento de 1999 a 2007, mostrando que as relações comerciais com o MERCOSUL são fatores de grande importância para o desenvolvimento da indústria no Estado. Já o Paraná e Santa Catarina também possuem um perfil locacional significativo no setor da indústria de transformação e tem fortes relações comerciais com o MERCOSUL.

O MERCOSUL, se bem conduzido, será a “ponte” para uma integração mais ampla e mais profunda da América Latina. Desde a sua criação, em março de 1991, o MERCOSUL vem atingindo resultados expressivos, contribuindo para a expansão do comércio e industrialização das economias envolvidas. Neste sentido, os governos precisam traçar políticas que corroborem para a consolidação efetiva do Mercado Comum.

As vantagens de se participar de um processo de integração como o MERCOSUL são evidentes para a Região Sul e para os países envolvidos, cita-se a dinamização da economia, consolidação do processo de liberalização comercial, atração de investimentos, a ampliação e intensificação do relacionamento da Região com o resto do mundo.

Por fim, devido à importância e amplitude desta temática sugere-se que mais pesquisas sejam implementadas para examinar novas contextualizações (sobre os impactos ou transformações gerados pelo MERCOSUL no processo da Região Sul), e induzir a elaboração de políticas que contribuam com o processo integracionista.

## Referências

- ACCURSO, C. F. Integrações regionais nas periferias. In.: SEITENFUS; V. M. et al. **Temas de integração Latino Americana**. 1. ed. Porto Alegre: Vozes, p. 82-103, 1990.
- ALBUQUERQUE, C. C. Desafios do Paraná. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 86, set./dez. 1995.
- ALMEIDA, P. R. **Mercosul, Fundamentos e Perspectivas**. Brasília: Gob, 1998.
- BOUZAS R. Mercosul dez anos depois: processo de aprendizado ou déjà-vu? **Revista Brasileira do Comércio Exterior**. n. 68, p. 27, jul./set. 2001.
- CAETANO S. M.; FONTES, R. ARBEX, M. A. Câmbio e Inflação no Mercosul. **Revista Economia Aplicada**. v. 7, n. 1, p. 23-61, 2003.
- CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.
- DINIZ, C. C. A Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e suas Perspectivas. **Texto para discussão n. 375**. Rio de Janeiro: IPEA, junho de 1995.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA (FIESC). 2009. Disponível em: <http://www.fiesc.org.br/>. Acesso em: 05 de junho de 2009.
- FERRERA DE LIMA, J.; PIACENTI, C. A.; ALVES, L. R. o perfil locacional do emprego setorial no Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 39, n. 3, p. 482-502, 2008.
- GILPIN, R. **The Political Economy of international relations**. New Jersey: Princeton University Pres, 1987.
- GUALDA, N. L. P.; BASTOS, L. A.; RIBEIRO, V. S. Avaliação da competitividade industrial do Rio Grande do Sul no Mercosul. **Ensaio FEE**. v. 20, n. 1, p. 228-257, 1999.
- HADDAD, P. R. (org.). **Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 de junho de 2009.
- INSTITUTO DE PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). 2009. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br >. Acesso em: 05 de junho de 2009.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA (IPEA). **Redes Urbanas Regionais**: Sul. Brasília, 2000.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). 2009. Disponível em: < http: //www. ine. gub.uy/>. Acesso em: 24 de junho de 2009.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA Y CENSOS (INDEC). 2009. Disponível em: <http://www.indec.gov.ar/>. Acesso em: 24 de junho de 2009.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Temas Estratégicos para o Paraná**. Curitiba, Fundação Edison Vieira, 1994.
- JESUS, G. L. de.; FERREIRA DE LIMA, J. A indústria paranaense no Mercosul. In.: PIACENTI, C. A.; FERREIRA DE LIMA, J.; PIFFER, M. (Org.) **O prata e as controvérsias a integração sul-americana**. Cascavel: EDUNIOESTE, p. 29-58, 2001.
- KUME, H.; PIANI, G. Efeitos regionais do MERCOSUL: uma análise diferencial-estrutural para o período 1990/95. **Texto para discussão n. 585**. Rio de Janeiro: IPEA, agosto de 1998.
- MELO, A. C. **Mercosul em movimento**: supranacionalidade e intergovernamentalidade no Mercosul. Porto Alegre: Livraria do advogado, 1999.
- MENEZES, A. M. **Do sonho á realidade**: a integração econômica latino-americana. São Paulo: Alfa-Omega, 1990.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (SECEX). 2009. Disponível em: < http: //www.mdic.gov.br>. Acesso em: 23 de junho de 2009.
- MOSSINGER, H. ; CARVALHEIRO, E. M. Diagnóstico da indústria paranaense: os impactos do mercosul. In: **IV Ecompar - Encontro de Economia Paranaense**, 2005, Toledo. **IV Ecompar - Encontro de Economia Paranaense**. Cascavel: Editora Coluna do Saber, 2005. v. 4.
- NOJIMA, D. Crescimento e Reestruturação Industrial no Paraná - 1985/2000. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 103, p. 23-43, jul./dez. 2002.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). 2009. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/>. Acesso em: 22 de junho de 2009.
- PIFFER, M.; STAM, C.; PIACENTI, C. A.; FERREIRA DE LIMA, J. A base de exportação e a reestruturação das atividades produtivas do Paraná. In: CUNHA, M. S.; SHIKIDA, P. F. A.; ROCHA JUNIOR, W. F. (Org.) **Agronegócios paranaense; potencialidades e desafios**. Cascavel: EDUNIOESTE, p. 77-96, 2002.
- PINHEIRO, M. A.; PARRÉ, J. L.; LOPES, R. L. Perfil e distribuição espacial das indústrias no Estado do Paraná. In: **IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos ENABER. Anais do IV ENABER**. Curitiba: ABER, v. 01, 2006. CD-ROM.
- PORTAL DO AGRONEGÓCIO. 2009. Disponível em: <http://www.portaldogronegocio.com.br/>. Acesso em: 07 de junho de 2009.
- RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS). 2009. Disponível em: <www.sjp.pr.gov.br>. Acesso em: 25 de junho de 2009.
- SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E ASSUNTOS DO MERCOSUL (SEIM). Coordenação de Assuntos do Mercosul. Disponível em: <http://celepar7.cta.pr.gov.br>. Acesso em: 03 de junho de 2009.
- SEITENFUS, V. M. P.; BONI, L. A. (Coord.) **Temas de integração latino americana**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- VAZ, A. C. **Cooperação, integração e processo negociador**: a construção do Mercosul. Brasília: IBRI, 2002.